

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: INTERVENÇÕES DESENVOLVIDAS NA PERSPECTIVA DE IGUALDADE DE GÊNEROS NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

PRISCILA BROCK BARBOSA¹; PATRÍCIA PEREIRA CAVA²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – priscilabrock@outlook.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – patriciapereiracava@gmail.com 2

1. INTRODUÇÃO

Esta escrita trata-se de um recorte de um relato de experiência a partir de uma prática com duração de treze semanas em um estágio obrigatório em docência, oriundo do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pelotas. Neste trabalho tenho como principal propósito escrever sobre as práticas e intervenções de igualdade de gêneros na escola, em uma turma de 1º ano do ensino fundamental de rede pública.

Segundo, Joan Scott (1989, p. 7),

[...] gênero torna-se uma maneira de indicar “construções sociais” criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e as mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.

O principal motivo que me fez abordar este assunto está relacionado ao fato de que ao iniciar as práticas de estágio analisei o quanto ainda é notável a presença de distinção de gêneros entre as crianças. Perante esta situação e tendo como base a minha futura profissão, ser uma educadora, vejo o quanto estes assuntos devem ser tratados no âmbito escolar e jamais devem passar despercebidos, pois é papel fundamental do/a professor/a manter a igualdade de gêneros.

Pertencemos a uma sociedade que nos dita como devemos agir e nos comportarmos e isto acaba limitando o que cada um/a deve fazer e como fazer. Devemos ter em mente que se estas construções são oriundas de nossas famílias e da sociedade, então, cabe à escola, aos/as educadores/as ter papel fundamental nesta desconstrução, mostrando que não deve existir distinção. Assim como afirma Louro (2008, p. 8)

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo.

Desse modo, percebe-se que o processo de igualdade não cabe somente ao/a professor/a, mas de uma construção coletiva que envolve diferentes sujeitos/agentes/grupos e a partir disto é possível concluir que ao inserir este processo desde cedo podemos melhorar a trajetória das nossas crianças neste aspecto.

Pensando assim, venho através deste trabalho destacar algumas práticas pedagógicas que foram executadas por mim, que estão relacionadas às intervenções que desenvolvi nos espaços escolares, sendo eles, na sala de aula e no momento de recreação, no pátio da escola.

2. METODOLOGIA

Para o desenrolar deste trabalho, desenvolvo uma abordagem de análise qualitativa, que visa empoderar as práticas e intervenções realizadas para a igualdade de gêneros na escola. Desse modo, utilizo anotações escritas em um diário de campo, com reflexões diárias após cada aula/dia concluído, assim como desenhos produzidos pelas crianças. Estas práticas e intervenções ocorreram em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, frequentada por vinte e oito crianças entre seis e sete anos de idade, durante o período de treze semanas numa escola estadual na cidade de Pelotas/RS.

Quanto aos procedimentos utilizados para a realização destas intervenções pedagógicas, manipulei como recursos, Livros de Literatura Infantil que tratassem do tema para uma melhor mediação entre o assunto, grupos e times mistos para as atividades de aula e na recreação, além, de várias discussões que foram abordadas em diversos momentos durante as aulas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Início a discussão pela primeira vez em que presenciei estas manifestações de desigualdade de gêneros vinda das crianças, neste caso, por parte dos meninos. Com base nos estudos de Moreno (1999), ainda que a escola seja um lugar de ensino misto atualmente, não quer dizer que ela aboliu a discriminação sexista e se observarmos com um olhar mais crítico, é possível analisar que estes processos de discriminação estão cada vez mais visíveis e presentes entre as diferenças dos gêneros. Percebo isso logo no primeiro dia em que fomos para o pátio aberto da escola, onde os meninos se direcionavam para o futebol e as meninas para as brincadeiras de cordas e bambolês. Para mediar esta situação propus jogos de futebol e outras brincadeiras mistas, assim, todas as crianças teriam as mesmas oportunidades.

São nestas pequenas atitudes, brincadeiras e jogos que percebo o quanto estes estereótipos estão presentes no nosso dia a dia. Insisto que esta cultura não afeta somente as meninas, mas a maioria das crianças na escola, uma vez que tanto meninas quanto meninos são impossibilitados de experimentar atividades lúdicas que transgridam o instituído sobre o que a sociedade dita como a brincadeira ideal para os diferentes sexos. Isso limita, sobremaneira, as experimentações das crianças para viverem diferentes oportunidades, tanto na escola como na sociedade.

Em todas as aulas eu realizava a leitura de algum livro, então, pensei que seria essencial levar para as crianças livros que trouxessem em suas histórias/escritas temas relacionados a gêneros e sexualidades, envolvendo também, as diferentes estruturas familiares.

A própria contação da história tende a provocar situações que estão intrinsicamente ligadas a vários saberes, que conseqüentemente proporcionam de forma interdisciplinar um vasto conhecimento interligado e ajudam a compreender e relacionar as vivências cotidianas. (VIEIRA, 2017, p. 36).

Entre os livros que foram lidos, destaco alguns: *Olívia tem dois papais*, *Cada família é de um jeito*, *Meu nome social é Dulce Maria*, *Coisa de menina*, *Coisa de menino*, entre outros títulos.

As histórias sempre intrigavam muito as crianças, levando elas a pensarem e a refletirem sobre o que era lido, faziam inúmeras perguntas com intuito de sanar suas curiosidades, assim, além das discussões após as leituras, algumas vezes fazíamos desenhos para representar as histórias.

Enquanto a contação de história diverte a criança, a própria história já lhe esclarece e lhe tira algumas dúvidas, fazendo com que ela desenvolva a sua própria personalidade. Desta maneira, a história torna-se muito mais do que uma simples contação de história, ela é uma arte que transmite os conhecimentos de forma prazerosa e não imposta (SANTOS, 2015, p. 29).

O que ocorria com bastante frequência em sala de aula era o fato dos meninos se chamarem de “viados”, “viadinhos” em tom pejorativo, com o intuito de diminuir o colega com estas palavras. Sempre que acontecia uma situação dessas, eu pausava a aula e iniciava uma discussão sobre este assunto. Para Louro (2000, p. 19) “Meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem”. Então, muitas vezes questionei as crianças sobre estes significados, perguntando se eles/as sabiam, o que é um veado, ressaltando que é um animal. Também, fazia a escrita no quadro para relacionar com uma imagem.

Outro assunto que surgia bastante, também, era sobre as cores de meninos e meninas. E desse modo, íamos conversando sobre isso, que cores não são para meninos ou para meninas, que podemos usar as cores que gostamos independente de ser rosa ou azul.

[...] basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar. Através do aprendizado de papéis, cada um(a) deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. (LOURO, 1999, p. 24).

4. CONCLUSÕES

Após estas intervenções que descrevi sobre as práticas que consegui desenvolver, ainda fico me perguntando, como desconstruir essa cultura? Maciel (2014, p. 101) nos questiona com a seguinte pergunta: “A escola não deveria ser o instrumento necessário para enfrentar as situações de preconceitos e discriminação? Não seria ela o espaço para a garantia das oportunidades efetivas de participação de todos nos diferentes espaços sociais?” No decorrer de sua escrita ela complementa falando que “a escola, portanto, não é somente aquela que fecha os olhos para as práticas de violência contra o gênero, ela é também aquela que cria e ensina a própria diferença”.

Durante estes três meses de aula, como professora estagiária, consegui de alguma forma fazer as crianças refletirem sobre o respeito e sobre como as pessoas gostam de coisas diferentes e como são diferentes umas das outras e que devemos respeitar as escolhas de cada um/a. Fico satisfeita que de alguma maneira consegui levar estes assuntos para a sala de aula, para a recreação e

para o mundo da imaginação, a partir de histórias de livros infantis que retratam a realidade, mesmo que em um curto tempo, sei que fiz meu papel de educadora. Para Vieira (2017, p. 43) “A família e a sociedade têm um papel importante nessa discussão, porém, isso não descarta a falta de debate desse assunto no ambiente escolar, no qual se pontua tanto a inclusão quanto o respeito às diferenças” Pensando assim, o currículo escolar deveria ter por obrigação práticas que discutissem estes assuntos em sala de aula. E é isto que busco como educadora, pois acredito que,

A escola tem um papel importante nessa construção para o reconhecimento da diversidade e do respeito às diferenças [...] É preciso quebrar algumas barreiras, padrões e estereótipos que, desde cedo, aniquilam a singularidade, em que o correto é todo mundo parecido, desejosos das mesmas coisas etc. As questões de gênero, identidade de gênero, formas de amar, concepção familiar etc. são temáticas que podem ser exploradas desde a infância, sobretudo, no ambiente escolar. (VIEIRA, 2017, p. 186).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** - ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MACIEL, Patrícia Daniela. **Lésbicas e professoras**: modos de viver o gênero na docência. 2014 178 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade Educação. Universidade Federal de Pelotas, 2014.

MORENO M. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1999.

SANTOS, Marluci B. **Hora do Conto**: momento de prazer ou de introduzir conteúdos? 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia Pedagogia) - Centro Universitário UNIVATES, Lajeado - RS, 2015. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/1037/1/2015MarluciBioeudosSantos.pdf>. Acesso em: 16 de julho de 2018.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat Maria Betânia Ávila Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.

VIEIRA, José Francisco Duran. **O homoerotismo na literatura infantil**: análises e reflexões sobre as histórias não contadas na hora do conto. 2017. 238f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.